



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

DESIGNAÇÕES PARA PESSOA QUE TEM DIFICULDADE DE APRENDER AS COISAS EM PERSPECTIVA LÉXICO- SEMÂNTICA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE NORMA LEXICAL



DESIGNATIONS TO PEOPLE WHO HAVE DIFFICULTY TO LEARNING THINGS IN A LEXICAL-SEMANTIC PERSPECTIVE: SOME CONSIDERATIONS ABOUT LEXICAL NORM

Daniel Abud Marques ROBBIN
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 27/03/2021 • APROVADO EM 23/01/2022

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3387>

Resumo

O objetivo central deste artigo é refletir sobre a norma lexical brasileira a partir de dados catalogados pelo projeto AliB (Atlas Linguístico do Brasil), e já estudados na dissertação de Benke (2012), corpus para nossa análise. Focaremos na análise léxico-semântica da questão *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, através de recortes sincrônicos obtidos pela análise de registros lexicográficos de épocas pretéritas: I) Silva Pinto (1832); II) Faria (1859); Taunay (1914) e da versão eletrônica do Dicionário Aulete Contemporâneo de Língua Portuguesa (2006). Contrastando as acepções destes registros históricos com as acepções contemporâneas para as variantes mais produtivas – *Analfabeto, burro, lento, lerdo, retardado e rude/rudo* – concluiu-se que existem

significativas diferenças semânticas nas definições do século XIX e começo do século XX para a do Aulete, o que atesta o caráter dinâmico e adaptável da norma lexical às necessidades da comunidade.

Abstract

The main objective of this article is reflect about the lexical norm from data cataloged by the AliB project (Atlas Linguístico do Brasil), and already studied in Benke's Master's Thesis (2012), corpus for our analysis. We will focus on the lexical-semantic analysis of the question *people who have difficulty learning things*, through diachronic clippings obtained through the analysis of past lexicographic records: I) Silva Pinto (1832); II) Faria (1859); Taunay (1914) and the electronic version of the Contemporary Portuguese Language Dictionary Aulete (2006). Contrasting the meanings of these synchronic records with the contemporary meanings for the most productive variants - *analfabeto, burro, lento, lerdo, retardado and rude / rudo* - it was concluded that there are significant semantic differences in the definitions of the 19th and early 20th centuries for the Aulete, which attests the dynamic and adaptable nature of the lexical norm to the needs of the community.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Norma lexical. Semântica. Diacronia.

Keywords: Lexical norm. Semantics. Diachrony.

Texto integral

Introdução

O tema de nossa pesquisa está constituído por apontamentos acerca da norma lexical a partir das denominações referentes à *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, a partir de dados documentados na dissertação de Benke (2012), autora que trabalhou com dados cedidos pelo projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), especificamente com a temática dos tabus linguísticos em capitais brasileiras.

Como objeto de pesquisa, optamos por analisar, por meio de recortes sincrônicos, registros lexicográficos de língua portuguesa referentes a épocas pretéritas, de modo a contrastar, nestes acervos do século XIX e começo do século XX, as acepções para as variantes mais produtivas em capitais brasileiras para *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, unidades estas documentadas por Benke (2012, p.132), em sua dissertação, a saber, *Analfabeto, Burro, Lento/Lerdo, Retardado e Rude/Rudo*.

Ressalta-se que o contraste foi realizado partindo das acepções dispostas no Houaiss (2001), dispostas na dissertação de Benke (2012), para as unidades lexicais em análise, acepções estas também documentadas na dissertação anteriormente referida.

Justificamos a pesquisa pela necessidade de compreender, através deste recorte, a configuração da norma lexical através das sucessivas sincronias que foram estudadas, além do caráter primordial de potencializar o uso do dicionário

como instrumento de verificação de indícios de mudança léxico-semântica e marcas culturais de uma determinada época ou sociedade.

O nosso objetivo geral, com essa investigação, foi contrastar acepções antigas e contemporâneas para as variantes que designam o referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas* em registros lexicográficos dos séculos XIX e XX. Como objetivos específicos: verificar eventuais marcas de uso e indícios de motivações semântico-estilísticas para os vocábulos em questão, discutir a pejoratividade de sufixos em processos de formação de determinadas unidades lexicais encontradas nesses dicionários e, por fim, identificar o processo de mudança léxico-semântica destas unidades na norma lexical corrente.

Fundamentação teórica

O léxico de uma língua natural, de acordo com a definição de Biderman (2001,p.13), “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Esta definição, aparentemente objetiva, traduz o modo como opera este nível de linguagem. Poderíamos nos arriscar a ampliar a definição de registro de conhecimento, para registros de conhecimentos múltiplos, o que englobaria conhecimentos metalinguísticos, sociais, culturais, históricos, dentre outros vários tipos de conhecimentos que, mormente, são arquivados no acervo cultural que é a língua de um povo.

Léxico, conforme a mesma autora, também é testemunha de uma cultura, tendo em vista que, quando o mencionamos enquanto acervo cultural, torna-se instrumento que conserva o patrimônio de uma comunidade específica. Ainda de acordo com a teórica, “o vocabulário vai acompanhando e refletindo as transformações dos estados da sociedade.” (BIDERMAN, 1992, p.399). Estas transformações, via de regra, estão dispostas no dicionário, levando-se em conta o seu papel “[...] em relação à norma social, por registrar a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes e também por ser o depositário do acervo lexical da cultura, ele é uma referência básica para uma comunidade.” (BIDERMAN, 2002, p.75).

As ciências do léxico possuem como objeto de estudo, portanto, o léxico. Todavia, precisamos distinguir o método de estudo de cada uma dessas disciplinas. Para sistematizar essas definições, propomos um quadro baseado no que Biderman (2001) expõe sobre essa delimitação:

Disciplina	Campo de atuação
Lexicologia	“Análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.”
Lexicografia	“é a ciência dos dicionários. [...] A análise da significação das palavras tem sido o objeto principal da Lexicografia.”
Terminologia	Área que “se ocupa de um subconjunto do léxicode uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano.”

Quadro 01 – As disciplinas do léxico.

Fonte: Elaboração do autor, com base em Biderman (2001, p.16-19).

Faz-se necessário, nesse sentido, conceituar, também, o que seria a norma lexical. Lara (1976) *apud* Isquerdo (2008, p.448), enfatiza que “a importância social da norma está no caráter limitado, seletivo e identificador que possui, o que possibilita a valorização de determinados eventos lingüísticos em lugar de outros”. Norma social se reflete através da norma lexical, preconizada, por vezes, pelo dicionário, haja vista o caráter normativo do dicionário enquanto instrumento unificador de determinada comunidade linguística.

A partir do texto da autora, conseguimos extrair considerações pertinentes sobre a norma lexical e a lexicografia brasileira. A especialista menciona uma gama de trabalhos que, entre meados do século XIX e começo do século XX, ocuparam-se de “registrar o léxico da língua portuguesa do aquém-mar” (ISQUERDO, 2008, p.455). É importante ressaltar a própria periodização do fazer lexicográfico exposta pela autora. Segundo esta, as origens de um discurso lexicográfico no Brasil remontam ao período colonial, graças aos relatos de viajantes que por aqui passavam. Em nossa pesquisa, utilizaremos exclusivamente registros lexicográficos datados do século XIX, que “por seu turno, registra o crescimento da consciência da identidade brasileira, materializada tanto na produção literária autóctone, quanto no debate sobre a “personalidade própria do português brasileiro”.” (ISQUERDO, 2008, p.453) e início do século XX.

Este artefato cultural denominado dicionário, que por vezes reflete a norma lexical de uma determinada comunidade de fala, também pode refletir outras especificidades de uma língua específica, como por exemplo, o aspecto do léxico regional.

Conforme menciona Biderman (2002, p.74), “o português do Brasil constitui uma variedade do português no plano da *norma* e, não, do sistema, sobretudo no domínio do léxico, área em que as duas variedades do português mais se diferenciam.”, o que nos faz adotar a concepção de que podemos falar em uma norma brasileira, mas não em uma língua brasileira. Dentro do que essa teórica (2001a, p.20, *apud* Isquerdo 2006, p.15) denomina *norma geral*, referente aos aspectos comuns na linguagem da nação, há as assim denominadas *normas regionais*, que a autora bem define como específicas dentro do seio de cada comunidade linguística pertencente à *norma geral* brasileira.

Para que se tenha uma dimensão maior da concepção de regionalismo, é necessário ter em mente que se trata de:

qualquer fato lingüístico (palavra, expressão, ou seu sentido) peculiar a uma ou outra variedade regional do português falado no Brasil, exceptuando a variedade empregada no eixo lingüístico Rio/São Paulo, considerada a variedade de referência, ou seja, o português brasileiro padrão, e excluindo também as variedades usadas em outros territórios lusófonos. (BIDERMAN, 2001b, p.136, *apud* ISQUERDO, 2006, p.14-15).

Tal distinção entre norma geral e norma regional se faz extremamente necessária, pois trabalharemos, nesse artigo, com dados do projeto ALiB (Atlas

Linguístico do Brasil), documentados, conforme já registrado, em dois trabalhos de Benke (2012,2017). O projeto ALiB tem se ocupado da descrição da realidade linguística da norma geral do português brasileiro, e também de meandros específicos de cada região de nosso país, as assim chamadas áreas dialetais.

Como nossa pretensão, com este estudo, é realizar uma descrição léxico-semântica das acepções para as variantes documentadas por Benke (2012, 2017), a partir de dados orais do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), em dicionários ou glossários de sincronias passadas, faz-se necessário contextualizar, também, a tarefa da Semântica Lexical, que se ocupa de:

[...] estudar o espaço relativo à linguagem cumprido pelas palavras segundo suas direções complementares: uma envolve as combinações sintagmáticas de que as palavras podem participar, a outra abrange as diferentes significações e empregos que tais combinações suscitam (ELUERD, 2000, p.46, *apud* HENRIQUES, 2018, p.74).

Há de se perceber, portanto, que o emprego da análise léxico-semântica através de dicionários, vocabulários ou glossários, quando tratamos de variantes para um mesmo referente, pode revelar informações importantes sobre a cultura, a época, os costumes, em perspectiva externa à língua; mas também identifica as possíveis relações de sinonímia, marcas de uso, classe gramatical, dentre outros aspectos relevantes para uma boa análise linguística.

Metodologia

Realizamos uma análise léxico-semântica, pautados no modelo encontrado em Alencar e Sapata (2019), que estudaram as denominações *para aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas*, também com base em dados do projeto ALiB. Para tanto, o primeiro passo da pesquisa foi a delimitação de um corpora consistente, a partir de dados catalogados na dissertação de Benke (2012), que trabalhou com tabus linguísticos em capitais brasileiras a partir de dados do projeto ALiB. Assim pudemos, a partir de vários recortes sincrônicos, estabelecer contrastes para as acepções de *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, a partir de registros lexicográficos pretéritos, especificamente dos séculos XIX e XX, e da acepção colocada pelo Houaiss (2001) *apud* Benke (2012,2017). Elencamos, no quadro seguinte, as obras escolhidas para a análise léxico- semântica.

Obras Consultadas	Título
SILVA PINTO (1832)	Diccionario da Língua Brasileira.
FARIA (1859)	Novo diccionario da lingua portugueza: diccionario de synonymos.
TAUNAY (1914)	Lexico de Lacunas: subsidios para os dictionarios da lingua.

Quadro 02 – Delimitação dos corpora.

Fonte: Elaboração do autor.

Relacionamos, no quadro subsequente, as etapas da pesquisa:

Etapa 01	Leitura dos textos teóricos.
Etapa 02	Coleta dos dados referentes às acepções para <i>pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas</i> nos corpora delimitados (registros lexicográficos de épocas pretéritas).
Etapa 03	Comparação das acepções dos séculos XIX e XX com as acepções trazidas pelo Houaiss (2001), documentadas por Benke (2012, 2017), contrastando, diacronicamente, aspectos léxico-semânticos das unidades lexicais em análise.

Quadro 03 – Etapas da pesquisa.

Fonte: Elaboração do autor.

Análise léxico-semântica

Item lexical *analfabeto*.

Novo dicionário da língua portuguesa: dicionário de synonymos, Faria (1859)	s. m. (p. us.) o que é ignorante até das letras do a b c.
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), apud Benke (2017)	‘Acepção, por derivação e extensão de sentido, de “muito ignorante, bronco, de raciocínio difícil”.’ (BENKE, 2017, p.1072).

Quadro 04 – Acepções para *analfabeto* nos registros lexicográficos analisados.

Fonte: Elaboração do autor, com base nos corpora consultados.

A definição de *analfabeto* é bastante simples em ambos os registros lexicográficos consultados, e há de se perceber, ainda, que nos corpora analisados, sua frequência é escassa, sendo apresentado apenas em Faria (1859) e Houaiss (2001). Isso nos faz levantar uma hipótese. Seria a questão do analfabetismo pouco discutida entre meados do século XIX e começo do século XX?

A questão central é que, apesar da aproximação por campo semântico com o referente que buscamos analisar, a definição de *analfabeto* em Faria (1859) é mais denotativa, referente à pessoa que não foi instruída no mínimo da leitura e da escrita, desconhecendo o que hoje comumente chamamos abecedário. Um sentido mais lato, se colocado em perspectiva com o exposto pelo Houaiss (2001), que, nesta acepção, conforme descrito por Benke (2017), é uma definição por extensão de sentido, através de uma expansão semântica que, conotativamente, designa o referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas* como alguém de

raciocínio difícil, ou seja, alguém que realmente demanda determinado tempo na aprendizagem de certos conceitos ou áreas do conhecimento.

Item lexical *burro*.

Novo dicionário da língua brasileira, Silva Pinto (1832)	s. m. Jumento. Nome que dão na costa de S. Thomè a hum temporal. Pontaete que sostem o cabeçalho do carro. No plur. Cabos de mezena.
Dicionário da língua portuguesa: dicionário de synonymos, Faria (1859)	s. m. (Gr. purros , ruivo , por ser geralmente a côr dos burros) jumento, bosta de carga, de orelhas grandes. V. asno — (fig., famil.) pessoa estúpida, muito rude, de curto entendimento. <i>Trabalhar como um</i> — (phr. famil.) diz-se do que é infatigável e constante no trabalho. <i>Jogo do</i> —. V. <i>Jogo</i> : — (do carro) , pontaete que sustenta horizontalmente o cabeçalho. Estar com o— (phr. famil.) estar amuado, enfadado, taciturno :— <i>montez</i> , onagre ; —, o mesmo que <i>pae velho</i> , tradução palavra por palavra dos clássicos para principiantes; chama-se burro, por ser destinado para rapazes de pequena intelligencia. Ser <i>mui</i> —, estúpido , asno, tolo , besta. <i>Burros</i> , pl. (naut.) cabos da mezena. Dá-se também o nome de burro a um temporal que rema no solsticio de inverno na costa de S. Thomé.
Lexico de lacunas, Taunay (1914)	VARIANTE BURREGO: adj. Aquelle que é falto de intelligencia. Individuo estúpido. « 0 J...que é um burrego julga ser talentoso. »
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), apud Benke (2017)	Aquele que é falto de intelligência, estúpido, tolo.

Quadro 05 – Acepções para *burro* nos registros lexicográficos analisados.

Fonte: Elaboração do autor, com base nos corpora consultados.

Analisando-se a classe gramatical e as relações semânticas dispostas ao significante em análise, podemos enumerar uma série de distinções entre as próprias particularidades semânticas de cada acepção. Silva Pinto (1832) define *burro* exclusivamente enquanto substantivo masculino, enquanto Faria (1859) traz três acepções distintas para este item lexical. Na primeira acepção, um substantivo masculino, no sentido mais denotativo do vocábulo, referindo-se ao *burro* animal. Na segunda acepção, Faria (1859) estabelece uma relação de sinonímia com *asno* para definir o referente que buscamos analisar nesta pesquisa.

Apesar de não mencionar a classe gramatical desta segunda acepção, o autor menciona o caráter figurado da variante, provavelmente utilizada no que seria uma linguagem familiar da época, típica da oralidade. Ainda são revelados, neste dicionário, alguns fraseologismos envolvendo o componente *burro*. São eles: 1) *trabalhar como um burro*, 2) *jogo do burro*, 3) *estar com o burro*, 4) *burro montez/onagre* e 5) *ser muito burro*. Destas expressões, apenas as últimas duas são semanticamente aproximáveis do referente em análise, *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. As outras expressões referem-se, respectivamente, a 1) trabalho em excesso, 2) meio de transporte (parte de um carro de tração animal), 3) estado emocional. Faz-se necessário ressaltar que, dado o caráter específico de dicionário de sinônimos, muitas das definições fornecidas neste verbete são feitas por sinonímia.

Taunay (1914) traz à baila uma variante para *burro*, o assim chamado *burrego*, que, pela definição do autor, é extremamente próxima semanticamente da acepção contemporânea trazida pelo Houaiss (2001), documentada por Benke (2017). O fato interessante é a classificação de adjetivo proposta por Taunay para esse referente, revelando uma qualidade, um aspecto que pode ser entendido como negativo, pela carga semântica negativa dos vocábulos empregados na definição. Aliás, definição esta que remonta, também, a uma relação de sinonímia com o *indivíduo estúpido*.

Ocupando-nos do confronto dos dados examinados nestes registros lexicográficos de tempos pretéritos com os dados orais fornecidos pela pesquisa com o léxico regional da comunidade de fala brasileira, no começo do século XXI, a partir da iniciativa do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), dados estes catalogados no estudo realizado por Benke (2017), percebemos que as variantes *lerdeador* e *burrego*, documentadas por Taunay (1914), provavelmente caíram em desuso, ou foram ressignificadas. Apesar disso, o Caldas Aulete (2006), dicionário geral contemporâneo de língua portuguesa, traz, em suas acepções para *burrego*, as seguintes definições, que nos ajudarão a compreender, inclusive, uma provável motivação do uso dessa variante para designar *persona que tem dificuldade de aprender as coisas*:

Dicionário Caldas Aulete Digital (2006)	sm. 1. Ver burrinho (1); BURRICO 2. Burro fraco, sem serventia 3. Indivíduo pouco inteligente; BURRO [Pode ter conotação amistosa, carinhosa.] 4. Que é pouco inteligente; BURRO [F.: burro + -ego. Hom./Par.: borrego (sm.), burrega (fem. de burrego), borrega (sf).]
--	--

Quadro 06 – Acepções para *burrego* no Caldas Aulete Digital (2006):

Fonte: Elaboração do autor, com base em acepções no Caldas Aulete Digital (2006).

Há de se levar em consideração a acepção de número 2, *burro fraco, sem serventia*, o que pode ter motivado uma expansão semântica para designar o referente da acepção 3, *indivíduo pouco inteligente*, uma possível marca de preconceito social disfarçado de uso linguístico, visto que são variadas as crenças que entendem como inútil ou de pouca serventia

o indivíduo que tem dificuldades de aprendizagem, o que remonta ao nosso próprio modo de organização social capitalista, que prepara os aprendentes para assumir postos em linhas de produção, o que Jannuzzi (2004, p.13) denominaria Economia da Educação ou Teoria do Capital Humano.

Podemos entender, a partir dessa denominação, uma possível marca discriminatória que por vezes passa despercebida em nossos usos linguísticos cotidianos, já que aqueles que não se enquadram no padrão predisposto pela sociedade, muitas vezes, vivem à margem, em um espaço secundário, o que se reflete também na forma como denominamos a realidade linguística que nos cerca,

já que conforme Biderman (1998, p.93), “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas.”, em uma moderada postura que remete à teoria do relativismo linguístico proposta por Sapir-Whorf.

Considerando-se apenas os registros lexicográficos de sincronias pretéritas (1832- 1914), podemos perceber que Taunay é o único que traz um exemplo do emprego real da unidade lexical, no uso cotidiano. Podemos pensar, portanto, a seguinte hipótese: por se intitular enquanto um léxico de lacunas, um pequeno vocabulário fornecedor de subsídios à construção de dicionários de língua, Taunay poderia ter tido a preocupação de demonstrar como as unidades lexicais eram de fato empregadas pela comunidade de fala brasileira.

Contrastando, de modo mais geral, as acepções trazidas por cada um destes registros lexicográficos, podemos perceber que Silva Pinto (1832) é o único dos autores analisados que não traz a acepção de *burro* para o referente que buscamos, *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. Dentre as várias acepções trazidas por Faria (1859), destacamos *burro*, *burro montez/onagre* e *ser muito burro*. Uma unidade lexical simples e duas unidades lexicais complexas, todas muito próximas semanticamente do referente em questão. Há de se perceber, ainda, que para esta acepção, Taunay (1914) e Houaiss (2001) trazem a mesma definição, salvaguardadas as diferentes grafias e o exemplo acrescentado pelo primeiro, a definição remete a *indivíduo falto de inteligência*.

Item lexical *lento*.

Novo dicionario da lingua brasileira, Silva Pinto (1832)	adj. Hum pouco humido. Vagaroso.
Diccionario da lingua portuguesa: diccionario de synonymos, Faria (1859)	adj. (Lat. Ientus, de lenis, molle, brando, cujo radical <i>len</i> denota cousa humida), um tanto humido : —.vagaroso; f. g., a passos—s. Fogo—. Tormento—. Movimento —. O tempo passa —, lentamente, de vagar. N. D. As duas accepções de humido e vagaroso existem igualmente em latim. O sentido primitivo exprime humidade, laxidão, frouxidão.
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), acepção documentada em Benke (2017)	“diz-se de comportamento ou faculdade humana, notadamente de funções ou operações intelectuais, quando não funcionam com prontidão”. (<i>apud</i> BENKE, 2017, p.1074)

Quadro 07 – Acepções para *lento* nos registros lexicográficos analisados.

Fonte: Elaboração do autor, com base nos corpora consultados.

Silva Pinto (1832) traz duas acepções para *lento*. A que nos interessa é a segunda, definida por sinonímia como *vagaroso*. Essa simples definição pode nos dar pistas sobre a provável motivação do significado dessa designação para o referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. A lentidão no processo de aprendizagem, devido às dificuldades encontradas pelo aprendente, pode estar associada à própria questão do transcorrer do tempo tido como *lento*, ou de um

movimento *lento*, já que o autor apresenta uma definição mais genérica, vaga, para este conceito.

Como a proposta de Faria (1859) é a construção de um dicionário de sinônimos, ele, em geral, pelo que observamos, tende a definir as unidades lexicais a partir das relações de sinonímia. Novamente, podemos verificar a definição de *lento* como *vagaroso*, de modo vago, impreciso. O autor ainda traz alguns fraseologismos com a unidade lexical descrita. Aliás, são muito produtivas as unidades complexas mencionadas em seu dicionário de sinônimos. Neste caso, são supracitadas: *a passos lentos*, *fogo lento*, *tormento lento*, *movimento lento*. Referendamos nossa hipótese de que a variante *lento* para definir *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas* parte de uma associação figurativa com a questão do tempo dispensado, a partir da aceção proposta por Faria (1859), onde menciona o fraseologismo *o tempo passa lento*. O autor ainda reitera que o sentido primitivo, ou seja, mais literal, para *lento*, tem a ver com as condições de umidade de determinado objeto. *Lento* referente a tempo, em sua perspectiva, é resultado de expansão semântica, a partir de motivações semântico-estilísticas.

Houaiss (2001), por fim, conforme descrito por Benke (2017), traz a associação psíquica do referente *lento*, a partir de uma perspectiva médica. A associação da *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas* em termos técnicos da medicina não é de se espantar, pois a questão da deficiência intelectual foi vista, por um grande período de tempo no século

XX, como sendo uma questão médica. É o que Jannuzzi (2004, p.11), chamaria de concepção médico-pedagógica, “porque mais centrada nas causas físicas, neurológicas, mentais da deficiência, procurando também respostas em teorias de aprendizagem sensorialistas veiculadas na época, [...]” (JANNUZZI, 2004, p.11-12). Ou seja, uma tendência a patologizar todo e qualquer tipo de deficiência, o que se pensarmos bem, tem aproximação temporal com a definição proposta pelo Houaiss (2001), a partir da terminologia médica, visto que o produto dicionário não é realizado em tempo curto, e, como demora muitas vezes anos, décadas, para ser finalizado, o autor pode ter se banhado, dada a época da escrita deste registro lexicográfico, nas fontes que assim tratavam esse referente no período em questão. É a norma lexical refletindo a norma social, o costume, visto que o léxico, conforme exposto em Biderman (2001), acompanha os estados da sociedade.

Item lexical *lerdo*.

Novo dicionario da lingua brasileira, Silva Pinto (1832)	Grafado como lêrdo – adj. Grosseiro sem arte. Pezado, fallando das cousas.
Diccionario da lingua portuguesa: diccionario de synonymos, Faria (1859)	adj. (Fr. lourd, pesado, do gr. lordos, curvado, lerdo) pesado, que se move tardamente. Entendimento, homem —, tardo. Cavallo— á espora (loc. ant.).
Lexico de lacunas, Taunay (1914)	VARIANTE LERDEADOR, adj. Descansado, pachorrento. Pessoa que lerdeiã no serviço. « Fizeste mal de chamalo pois nunca vi operário mais lerdeador: perde às vezes dias e dias.
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), <i>apud</i> Benke (2017)	‘definido pelo mesmo lexicógrafo como: “que se move com dificuldade; lento, vagaroso, pesado”.’ (BENKE, 2017, p.1074)

Quadro 08 – Acepções para *lerdo* nos registros lexicográficos analisados.

Fonte: Elaboração do autor, com base nos corpora analisados.

O item lexical *lerdo* é descrito em nos quatro dicionários analisados, o que pode ser entendido como indício de sua frequência de uso na língua corrente, e cristalização na norma lexical da comunidade de fala brasileira, especialmente nas capitais brasileiras, conforme retratado por Benke (2017).

Em Silva Pinto (1832), *lerdo* possui relativa aproximação semântica com o referente que buscamos analisar, sendo este conceito entendido como alguém *sem arte*, de modos grosseiros, pela falta de instrução. É aí que reside a possibilidade de aproximação com o campo semântico da aprendizagem, e sobretudo, da dificuldade de aprender as coisas.

Faria (1859), dentre as várias acepções para *lerdo*, traz uma que nos interessa em demasia: a do campo semântico do *entendimento*, conforme descrito pelo autor. Define por sinonímia, desse modo, o homem *lerdo* como um homem *tardo*, uma outra unidade lexical registrada no século XIX, porém apenas nesse dicionário de sinônimos, para o referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. Podemos fazer uma associação entre a lardeza descrita no movimento em geral, quando se age de certa forma, com a lentidão no processo de aprendizagem da pessoa que tem tal dificuldade de aprendizado, uma associação semântica realizada através do uso figurativo do tempo decorrido.

Taunay (1914), com sua proposta de um pequeno vocabulário, um léxico de lacunas que subsidiaria a construção de dicionários de língua, retrata mais uma formação adjetival a partir de um sufixo pejorativo (-EADOR), *lerdeador*, variante para *lerdo*. Sua definição se aproxima mais do campo semântico do trabalho, porém a essência é a mesma contida na categorização do referente que estudamos, a visão de que se trata de uma pessoa descansada, preguiçosa, pela demora na execução do que lhe é imputado fazer.

O Houaiss (2001, *apud* Benke, 2017), por sua vez, traz uma definição muito próxima a Silva Pinto (1832), de caráter bastante genérico, associando a característica da lardeza a um movimento ocupado em um período relativamente grande de tempo.

Item lexical *retardado*.

<p>Novo dicionário da língua portuguesa: dicionário de synonymos, Faria (1859)</p>	<p>p. p. de retardar, e adj. que soffre tardança, demorado : <i>movimento, correio</i>—, que retarda, causou tardança; v. g., tinha — o correio, o relógio; ser— de fazer alguma cousa, estorvado, delongado.</p> <p>Retardadôr, s. m. pessoa que retarda, demora; peça, do relógio que retarda o movimento da roda mestra que fax gyrrar os ponteiros do mostrador.</p>
<p>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), <i>apud</i> Benke (2017)</p>	<p>“indivíduo cujo desenvolvimento mental é inferior ao índice normal para a sua idade”, um termo da psiquiatria. (BENKE, 2017, p.1075)</p>

Quadro 09 – Acepções para *retardado* nos registros lexicográficos analisados.

Fonte: Elaboração do autor, com base nos corpora analisados.

Há de se levar em conta o não registro da variante *retardado* em Silva Pinto (1832) e Taunay (1914), onde também buscamos informações para detalhar nossa análise léxico- semântica. Dentre as várias acepções colocadas por Faria (1859), para *retardado*, de modo mais genérico, referindo-se, por associação, a fatos ou ações cujo tempo de execução é demorado, em uma provável analogia que motive a acepção mais recente documentada pelo ALiB para *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, chama atenção a forma derivada *retardador*, substantivo masculino formado a partir da adição de um sufixo pejorativo -or ao adjetivo *retardado*, aproximando-se, pelo que se registra em Faria (1859), ao significado que buscamos, relacionado ao referente analisado nesse trabalho não é uma acepção exata para o referente em questão, pois não há uma especificidade referente ao campo semântico da aprendizagem, porém podemos inferir uma motivação a partir da associação do tempo em comum dispendido para execução de atividades em gerais, tais como o próprio ato de aprender.

Outro ponto interessante é a semelhança entre o *retardador* e *lerdeador*, unidades lexicais que, apesar de não se referirem especificamente à *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, conforme exposto, aproximam-se, semanticamente, pelo ponto em comum *tempo dispendido*. A variante *lerdeador* foi registrada em Taunay (1914), enquanto *retardador* está registrada em Faria (1859), em um intervalo de 55 anos. Percebe-se que, já no século XIX, podemos encontrar certos indícios de linguagem familiar, típica da oralidade, nessas denominações para o referente em questão, e estas denominações carregam uma carga semântica pejorativa, forte pista de processo de tabuização do referente.

A definição do Houaiss (2001), que também é a mesma proposta por Ferreira (2004), conforme documentado por Benke (2017), aproxima-se bastante da definição contemporânea para *lento*, proposta pelo Houaiss (2001), uma classificação a partir de um termo da psiquiatria, o que reforça o caráter patologizante que tem contaminado cada vez mais esse referente, conferindo-lhe caráter de interdito, de tabu.

Item lexical *rude/rudo*.

Novo dicionário da língua brasileira, Silva Pinto (1832)	adj, Não cultivado, grosseiro.
Dicionário da língua portuguesa: dicionário de synonymos, Faria (1859)	V. Rude. Rude, adj. dos 2 g. (Lat. <i>rudis</i> , de <i>rus</i> , campo) tosco, grosseira, não polido, não cultivado. O — povo. A — gente: —fiauta, de que usam os rústicos. Estylo—, humilhado,, do poeta pastoril.
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), <i>apud</i> Benke (2017)	“Antônio Houaiss (2001) informa como primeira datação de <i>rudo</i> , o século XIII. A forma <i>rudo</i> aparece, inclusive, na estrofe 69, canto V da obra “Os Lusíadas” de Camões. [...] Para <i>rude</i> , Antônio Houaiss (2001) registra a acepção de “falta de inteligência.” (BENKE, 2017, p.1076)

Quadro 10 – Acepções para *rude/rudo* nos registros lexicográficos analisados.

Fonte: Elaboração do autor, com base nos corpora analisados.

A definição proposta por Silva Pinto (1832), para *rude/rudo*, é muito próxima da que o mesmo autor propõe para *lerdo*, uma pessoa cuja principal característica é a *grosseria*, ponto em comum em ambas definições. Aquilo que é *rude* não é cultivado, conforme o autor, ou seja, não recebeu aprimoramento, trato refinado, é rústico, simples, básico. Optamos por fazer uma associação desse caráter primário intrínseco ao que é *rude/rudo*, na perspectiva de Silva Pinto (1832), com o referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, ou seja, uma pessoa que também carece de instrução por conta das dificuldades. Apesar da definição proposta pelo autor ser bastante simples e objetiva, em sua essência, podemos encontrar pontos em comum que podem ser entendidos como prováveis motivações para esse processo de expansão semântica, de modo que *rudo/rude* também pode designar, especificamente, uma pessoa com dificuldades no processo de aprendizagem. Vale ressaltar que essa unidade lexical se encontra na língua há muito tempo, conforme exposto por Benke (2012), em sua dissertação, onde recuperou trechos da lírica camoniana, datados do século XV, onde já se utilizava a variante *rude/rudo* com a acepção muito próxima da que buscamos analisar.

A definição proposta por Faria (1859), que define *rudo* a partir de remissão com *rude*, reforça o caráter negativo/pejorativo desse qualificativo. Novamente, aparece a definição de *não cultivado*, aquilo que não foi bem *polido*. A polidez (ou sua falta) nos remete ao campo semântico da educação, o que demonstra uma intrínseca relação com o referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*.

Faria (1859) ainda utiliza alguns exemplos para ilustrar a sua definição, tais como *A rude gente* ou *o rude povo*, atribuindo a característica da rudeza, da grosseria, da falta de polidez, a um coletivo, muito próximo da língua oral. Também completa a acepção com *estilo rude*, aquele que remete aos poetas pastoris, provavelmente está se referindo a tendência árcade/neoclássica da literatura

brasileira, tão presente em meados do século XVIII. Na visão do autor, um estilo rude, empobrecido.

Houaiss (2001, *apud* Benke, 2017), por sua vez, remete a uma informação etimológica, a datação proveniente do século XIII. De acordo com Benke (2017), esse dicionário define o referente como *falto de inteligência*, coadunando-se, perfeitamente, com o referente documentado na dissertação da autora.

Recuperando-se a proposta desse artigo, contrastar acepções do século XIX e início do século XX com acepções dicionarizadas no início do século XXI para os itens lexicais *analfabeto*, *burro*, *lento*, *lerdo*, *retardado* e *rude/rudo*, podemos perceber que:

- I) O significado para *analfabeto* atribuído pelo Houaiss (2001) é praticamente o mesmo que o designado por Faria (1859), em seu dicionário de sinônimos, tendo como ponto em comum para a associação a utilização do vocábulo *ignorante*, na acepção. Reafirmamos que a presença dessa unidade lexical em registros lexicográficos de épocas pretéritas é bastante escassa, todavia, podemos perceber indícios de uniformidade lexical entre as duas acepções, não havendo grandes mudanças léxico-semânticas na definição dessa unidade lexical nesse intervalo de 142 anos, a partir dos corpora que analisamos.
- II) Diacronicamente, o significado que buscamos analisar para *burro* como *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas* não se manifesta no dicionário de Silva Pinto (1832). Esta acepção está documentada pela primeira vez, dentre os corpora que analisamos, em Faria (1859), que por ser dicionário de sinônimos, retrata uma grande variedade de vocábulos e expressões formadas a partir da unidade *burro*. Podemos perceber uma intersecção entre a definição proposta por Faria (1859) e a que Taunay (1914) propõe, 55 anos depois. Em comum, na definição, a presença da unidade lexical *estúpido*. Outra característica que se repete, neste caso, nos três últimos registros lexicográficos – Faria (1859), Taunay (1914) e Houaiss (2001) – é a definição de *burro* como indivíduo falto de inteligência ou de pouca inteligência, indício da também uniformidade entre as três acepções a partir de 1859.
- III) Há de se perceber, quando analisamos o item lexical *lento*, que apesar de não constar especificamente algo do campo semântico da aprendizagem ou da instrução/educação nos registros de Silva Pinto (1832) e Faria (1859), há um ponto em comum entre esses dois manuscritos. A definição como sendo algo do campo semântico do *tempo demorado*, algo *vagaroso*, unidade lexical que se repete nas duas primeiras definições. Já em Houaiss (2001), temos uma acepção mais técnico-científica, de fato terminológica, conforme o dicionarista, referindo-se ao

campo semântico da psiquiatria. Houve uma expansão semântica, nesse intervalo de 142 anos, que permitiu à Medicina se apropriar deste vocábulo com esse novo significado.

- IV) O elemento em comum entre as acepções para *lerdo* em Silva Pinto (1832), Faria (1859) e Houaiss (2001) é a definição como sendo algo *pesado*. Esse elemento se repete em três dos quatro registros lexicográficos em que consta esta unidade lexical. Apenas em Taunay (1914) não consta essa definição. Dentre todas as definições, Silva Pinto (1832) que define o item lexical como *grosseiro, sem arte*, e Faria (1859), que o define enquanto sendo pertencente ao campo semântico do entendimento, uma pessoa de *entendimento curto*, são as que mais se aproximam do referente em questão, *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, em seu significado mais contemporâneo, contemplado pelos inquéritos do projeto ALiB.
- V) Em nosso ponto de vista, a partir da análise comparativa dos registros lexicográficos, *retardado* foi, dentre todas as unidades lexicais, o item que mais sofreu mudança léxico-semântica em sua acepção. Somente registrado em Faria (1859) e Houaiss (2001), dentre os corpora que investigamos, o significado disposto pelo primeiro não tem tanta relação semântica com o referente buscado. A associação que podemos fazer é a partir da relação de tempo dispendido em geral com o que retarda, e tempo dispendido no processo de aprendizagem da *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. No entanto, na esteira do que ocorreu com *lento*, conforme documentado em Benke (2012, 2017), esse vocábulo, na acepção do Houaiss (2001), tem definição pertinente ao referente estudado, além de também possuir conotação terminológica do ramo da psiquiatria.
- VI) Quando mencionamos a acepção para *rudo* em Silva Pinto (1832), há de se perceber que o dicionarista define a variante praticamente da mesma maneira que como define *lerdo*, algo do campo semântico da *grosseria*, ou seja, da falta de instrução, o que tem intrínseca relação com a acepção contemporânea de *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*. Benke (2012,2017) já havia comprovado a presença de *rudo* em manuscritos que remetem ao século XV, e o dicionário etimológico de Cunha (2010), conforme a autora, já registra esta variante no século XIII, o que lhe confere um status de arcaísmo, por estar presente em textos do português tido como arcaico. Ou seja, o referente já era presente na realidade sociocultural de falantes séculos atrás. Porém, a concepção que

a norma social impunha ao referente, transpassada à norma lexical, na figura do dicionário, era bastante genérica, objetiva, remetendo a rudeza à falta de instrução.

Dessa forma, podemos concluir esse artigo pensando em como as revoluções técnico- científicas, o transcorrer dos séculos e a mudança nos pensamentos e costumes refletem uma maior preocupação, no decorrer dos anos, com definições mais precisas e claras para o referente em questão. Há de se perceber um movimento no sentido de definições que vão do denotativo para um leque de acepções conotativas. Em Silva Pinto (1832), apesar de as definições serem as mais objetivas possíveis, há certa relação com o campo semântico do referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, quando se definem as variantes de forma mais ou menos parecida, como algo referente à falta de instrução.

Nos anos posteriores, Faria (1859) traz acepções muito mais bem delineadas, mais produtivas, e também se preocupa, já que é essa a proposta de seu dicionário, em trazer vários sinônimos na própria definição, o que enriquece as acepções. Também é interessante a sua retomada trazendo expressões formadas a partir das unidades lexicais que estudamos. Expressões estas que pouco tem a ver, muitas vezes, com o nosso objeto de estudo, mas que também podem render futuros e proveitosos estudos sobre fraseologia diacrônica, por exemplo.

Taunay (1914), à guisa de como faz Silva Pinto (1832), também realiza um trabalho objetivo, com a diferença de que não se propõe a elaborar um dicionário, e sim a preencher algumas lacunas para a elaboração de possíveis dicionários de língua portuguesa. Sua contribuição para este trabalho foi mais no sentido de demonstrar a criatividade do falante. Em nossa percepção, este foi o registro lexicográfico mais próximo da língua falada, pela colocação de marcas pejorativas através dos sufixos, e também por trazer exemplos próprios da oralidade. As variantes por ele documentadas, *burrego* e *lerdeador*, não estão presentes no corpus recolhido pelo ALiB e documentado por Benke (2012, 2017), no que diz respeito à *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, o que nos leva a crer na hipótese de que tenham caído em desuso na língua oral, apesar de *burrego*, conforme demonstrado em nossa análise, estar registrado com acepção parecida no dicionário geral contemporâneo Caldas Aulete Digital (2006).

Confrontando os dados dos registros lexicográficos de épocas pretéritas com as acepções catalogadas em Houaiss (2001) *apud* Benke (2012), percebemos, conforme nossa hipótese inicial, que há relativa diferença semântica nas definições propostas pelo autor, se contrastadas com sincronias passadas. As próprias definições oferecidas pelo Houaiss (2001) são mais precisas, e trazem aspectos terminológicos à baila, mas é importante ressaltar que em grande parte das acepções consultadas para as variantes, de alguma forma, houve aproximação por associação devido a determinado aspecto, seja o *tempo decorrido*, ou a *demora em um movimento*, ora a *própria falta de instrução*, o que deve ter gerado um processo de expansão semântica, de modo a chegar-se na contemporânea definição das variantes para o referente *pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, o que demonstra o quão dinâmica e adaptável é a norma lexical de uma comunidade, se recuperarmos as perspectivas de Biderman (1992, 1998, 2002) e Isquierdo (2006,

2008), de que a norma lexical tem relação intrínseca com a norma social de uma determinada época ou cultura, além de funcionar a partir de recortes da realidade extralinguística que nos cerca.

Referências

ALENCAR, B. A.; SAPATA, A. C. Carmin, ruge e blush: respostas obtidas no Mato Grosso do Sul para aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas. In: *Revista Primeira Escrita*. Aquidauana, n. 6, p. 83-96, 2019.

AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2006. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Consultado em 04/12/2020.

BENKE, V.C.M. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

BENKE, V.C.M. O tabuísmo em designações que nomeiam a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas. In: *Revista Philologus*, Ano 23, Nº 67, p.1061-1080. Supl.: *Anais do IXI SINEFIL*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2017.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico, testemunha de uma cultura. In: *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas*. Sessão II: Lexicología e Metalexigrafía. Vol.2, 1992, p.397-405.

BIDERMAN, M. T. C. As dimensões da palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ª. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p.13-22.

BIDERMAN, M. T. C. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no Português do Brasil. In: NUNES, J.H.; PETTER, M. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes, 2002, p.65-82.

CUNHA, A.G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 4ª ed., revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FARIA, E. de. *Novo diccionario da lingua portugueza: diccionario de synonymos*. 1859.

HENRIQUES, C. C. *Léxico e Semântica: Estudos produtivos sobre palavra e significação*. Coleção Português na Prática. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

ISQUERDO, A. N. Acheegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. In: *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Impresso), v. 50, p. 09-23, 2006.

ISQUERDO, A. N. Normas lexicais no português do Brasil e desafios para a lexicografia brasileira. In: José Sueli de Magalhães; Luiz Carlos Travalia. (Org.). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. 1ed.Uberlândia - MG: EDUFU, 2008, v. I, p. 447-458.

JANNUZZI, G. Algumas concepções de educação do deficiente. In: *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 9-25, maio 2004.

SILVA PINTO, L. M. da. *Dicionário da Língua Brasileira*. Typographia de Silva, 1832.

TAUNAY, A. de. Lexico de Lacunas: subsidios para os dictionarios da lingua. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*. 1914.

Para citar este artigo

ROBBIN, Daniel Abud Marques. Designações para pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas em perspectiva léxico- semântica: alguns apontamentos sobre norma lexical. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1134-1151, set.-out. 2021.

O autor

Daniel Abud Marques Robbin é graduado em Letras – Português/Espanhol pela UFMS - Campus do Pantanal. Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, na área de concentração Sociolinguística e Dialetoлогия, e na linha de pesquisa Contato, Variação e Mudança. Tem como interesses de pesquisa: Sociolinguística e Dialetoлогия, Semântica Lexical, Estilística Léxica, Ensino de Literatura.